



AVENTUREIROS DA NATUREZA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Helena Lourenço Monteiro ¹

Guilherme Luiz de Souza ²

Franciane Maria Araldi ³

Alexandra Folle ⁴

RESUMO

O contato direto com ambientes naturais melhora significativamente as funções executivas, a atenção, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas em crianças. Por outro lado, a ausência desse contato pode contribuir para dificuldades no desenvolvimento de habilidades essenciais na primeira infância. As práticas corporais de aventura vêm ganhando espaço tanto nas atividades escolares quanto nos meios de comunicação e no lazer cotidiano. Dito isso, o presente relato apresenta uma experiência desenvolvida no Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Educação Física, do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (Cefid), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), realizado em um Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM), da cidade de Florianópolis, Santa Catarina. A temática escolhida para as intervenções foi 'Práticas Corporais de Aventura na Natureza', que promoveu a vivência de atividades lúdicas em ambientes naturais e o fortalecimento de vínculos entre corpo, espaço e meio ambiente. As aulas foram elaboradas a partir da Base Nacional Comum Curricular e no Currículo Base do Território Catarinense, considerando os direitos de aprendizagem e os campos de experiência da Educação Infantil. Durante o período de estágio, realizou-se observação e intervenção com planejamento de aulas semanais, adaptadas às características da turma e do espaço. As experiências envolveram propostas como paraquedismo, *slackline*, *surf*, *Mountain bike* e barco à vela, respeitando a individualidade e promovendo a inclusão. A vivência possibilitou o desenvolvimento de habilidades motoras, afetivas e sociais das crianças, além de trazer a importância da natureza no dia a dia e reflexões importantes sobre a atuação docente na Educação Infantil. O estágio possibilitou aos professores em formação planejar as aulas de forma sensível, escutar ativamente e adaptar as atividades de acordo com a realidade do grupo.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado Educação Física, Educação Infantil, Práticas Corporais de Aventura.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, helena231723@gmail.com;

² Graduado do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, guilhermesouza04012@gmail.com;

³ Professora, Doutora, Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte - CEFID, franciane.m.araldi9@gmail.com;

⁴ Professora, Doutora, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte - CEFID, alexandra.folle@udesc.br.



INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura podem ser consideradas um conteúdo inovador para ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar (Santana *et al.*, 2024). Tal temática se apresenta como uma realidade em nossos dias, ocupando um espaço considerável nos meios midiáticos e nas atividades de lazer (Ferreira *et al.*, 2023). Estudos apontam que o contato direto com ambientes naturais melhora significativamente funções executivas, atenção, criatividade e resolução de problemas em crianças na fase pré-escolar (Kellert, 2005; Louv, 2016; Carvalho *et al.*, 2020).

Fugindo do contexto dos esportes tradicionais abordados com frequência nas escolas, as práticas corporais de aventura possibilitam as crianças, o contato com diversas práticas alternativas, trabalhando diferentes capacidades motoras, questões culturais e outras pouco abordadas no ambiente escolar, como o meio ambiente e a relação que as práticas esportivas têm com esse tema (Paixão, 2017). Conforme observado na literatura, é possível trabalhar com esse foco no contexto da Educação Infantil (Ferreira; Silva, 2020; Loureiro *et al.*, 2020; Iacznsk, Figueiredo; Duek, 2021; Santana *et al.*, 2025). De acordo com Santana *et al.* (2025), para trabalhar com as práticas corporais de aventura na Educação Infantil, é importante que o professor pense nas adaptações necessárias para que cada conteúdo esteja de acordo com a faixa etária em que as intervenções irão ocorrer.

Segundo Soler, Rombaldi e Müller (2024), essa temática pode se constituir como uma aliada importante no cotidiano escolar, pois possibilita múltiplas formas de interação do sujeito com o corpo, com o espaço e com o outro. "A ausência desse contato com a natureza pode contribuir para dificuldades no desenvolvimento de habilidades essenciais na primeira infância" (Louv, 2016, p. 112). Sendo assim, o relato aqui apresentado partiu da perspectiva de uma proposta de intervenção em que a Educação Física na Educação Infantil deve ir além da repetição de gestos motores, envolvendo o corpo em processos de imaginação, interação com o meio e aprendizagem significativa.

Dito isso, este estudo teve como objetivo apresentar e relatar as possibilidades de inserção das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, a partir de uma experiência no Estágio Curricular Supervisionado I do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).





A escolha pela temática se deu a partir da observação do potencial que essas práticas têm de envolver as crianças em vivências significativas, promovendo o contato direto com o ambiente natural e possibilitando experiências de superação, cooperação e descoberta (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020).

METODOLOGIA

O relato de experiência consiste em uma modalidade de produção de conhecimento que descreve uma vivência acadêmica ou profissional, sendo a sua principal particularidade a de detalhar a intervenção desenvolvida. Diante disso, destaca-se que, na elaboração desse tipo de trabalho, é importante incluir fundamentação teórica e análise crítica sobre a prática realizada (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Além disso, segundo Souza e Araújo (2019), o relato de experiência atua como um elo entre a teoria e a prática, possibilitando compreender e reinterpretar sua atuação docente. Para tanto, em contextos de formação inicial, como os estágios curriculares supervisionados, esse tipo de documento é fundamental para o desenvolvimento da identidade profissional do futuro professor.

O presente relato foi desenvolvido durante o ‘Estágio Curricular Supervisionado I: Educação Infantil’, do curso de Licenciatura em Educação Física da UDESC, realizado no primeiro semestre de 2025. A UDESC conta com 5 Estágios Curriculares Obrigatórios na grade curricular, sendo um para cada etapa da Educação Básica e um realizado na modalidade de Educação Especial. O estágio relatado neste estudo corresponde ao primeiro que os estudantes realizam, caracterizando-se como o primeiro contato com a profissão para muitos. As atividades foram realizadas em um Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM), localizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, que atende crianças de diferentes faixas etárias e períodos (meio período e integral).

O NEIM em questão possui um amplo espaço aberto que conta com três parques ao redor das instalações, sendo eles equipados com brinquedos como casa na árvore, balanços, gangorras e caixas de areia. Além do espaço da unidade, a localização deste permite saídas para um bosque, campo, praia e pista de skate, que inclusive já foi usada em campeonatos.

O estágio contou com uma carga horária total de 90 horas, sendo dividido em duas etapas principais: 36 horas são destinadas para as aulas que acontecem semanalmente na universidade e 54 realizadas na entidade-campo.





Durante as 54 horas, realizou-se a observação de campo, em que foi possível conhecer o espaço, a equipe pedagógica, o Projeto Político-Pedagógico da unidade e a dinâmica das crianças e, na sequência, as intervenções pedagógicas, em que foram planejadas e aplicadas aulas semanais com base em uma sequência didática sobre as práticas corporais de aventura na natureza. Além disso, nesta carga horária também foram elaborados documentos obrigatórios do estágio, como plano de trabalho, plano de aula e relatório final.

As intervenções pedagógicas foram realizadas com o Grupo 5/6 (crianças com idades entre 5 e 6 anos), em período parcial e integral, totalizando entre 20 e 25 crianças por momento. O Grupo totalizava 25 crianças com diferentes características sociais, culturais e cognitivas, incluindo crianças com laudos de Paralisia Cerebral (PC), síndrome de *Down*, autismo (nível de suporte 1 e 2), atraso no desenvolvimento global e outras crianças em processo de investigação. As atividades foram pensadas para contemplar essa diversidade, buscando garantir a participação e o protagonismo de todos. Desta forma, destaca-se que o estágio ocorreu durante dois meses e os conteúdos trabalhados ao longo das intervenções foram: paraquedismo, *slackline*; *surf*; *Mountain bike*; barco à vela e outros que não foram citadas neste relato de experiência, como a escalada e a corrida de aventura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Louv (2016), o contato frequente com ambientes naturais fortalece a saúde física, melhora a regulação emocional e amplia as funções cognitivas nas crianças. De acordo com Carvalho, Pinheiro e Santos (2020), espaços verdes são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e motor na infância, especialmente no que se refere à criatividade, à concentração e ao equilíbrio.

A sequência didática teve como tema ‘Os aventureiros da natureza: práticas corporais de aventura na natureza’, com o objetivo de oportunizar vivências corporais lúdicas em contato com o meio ambiente, explorando elementos como equilíbrio, superação, cooperação e criatividade. As aulas foram organizadas com base em quatro eixos: introdução do tema por meio do colete do aventureiro e imagens ilustrativas; atividades corporais práticas; exploração do espaço natural (bosque, parque, praia, gramado); e momentos de avaliação afetiva e artística. As práticas envolveram diferentes experiências:



Colete dos aventureiros

Em todas as propostas, as atividades iniciavam com uma roda de conversa, na qual o tema era introduzido com o colete do aventureiro, um recurso simbólico que despertava o interesse das crianças e apresentava, por meio de imagens, o conteúdo a ser trabalhado. Ao final, realizava-se uma roda de avaliação com perguntas reflexivas e desenhos, possibilitando a expressão afetiva das vivências. As interações entre as crianças e os professores foram marcadas pela cooperação, escuta e construção coletiva. A mediação docente valorizou o protagonismo infantil e promoveu a adaptação das atividades sempre que necessário, respeitando o tempo, os sentimentos e as possibilidades individuais de cada criança (Figura 1).

Figura 1 – Imagens do colete dos aventureiros



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Paraquedismo

A proposta trouxe a sensação de leveza, a sensação de voo e o encantamento com o ar. No começo da aula, apresentamos a temática e indagamos as crianças se alguém já havia visto. Em seguida realizamos uma atividade com um tecido leve simulando um enorme paraquedas, no qual todas as crianças couberam embaixo deste, com movimentos de subir e descer as crianças puderam usar sua imaginação e expressar com seus corpos o que estavam sentindo. Para a segunda atividade, utilizamos sacolas plásticas leves para simular os paraquedas e realizamos um circuito, convidando as crianças a imaginarem que estavam descendo dos céus, passando por cima de cadeiras e, por fim, pulando para um colchão. A aula trabalhou tanto o eixo da imaginação quanto o da coordenação motora fina e ampla, respeitando

os tempos e os estilos de cada criança.



Slackline

A prática de *slackline* favorece o aumento de força muscular de membros inferiores, além de outros benéficos que contribuem para o desenvolvimento único de cada criança (Pereira; Maschião, 2012). No que tange à aula, foi marcada pela experimentação do equilíbrio corporal. A construção do *slackline* sensorial se deu com bandejas de ovos no chão, formando um enorme jacaré, as crianças tinham a missão de passar por cima das bandejas sem cair. Durante a aula, utilizamos elementos lúdicos e imaginários para simular um pântano e um mar cheio de tubarões, onde em um segundo momento as crianças passaram por cima de uma ripa de madeira se equilibrando com um pé na frente do outro para não cair.

Durante todas as atividades, músicas foram animando e convocando as crianças para participarem (Figura 2). As crianças foram incentivadas a se desafiarem e testarem o limite do seu corpo. A criança com PC também usufruiu de todas as qualidades da aula, passando com a cadeira de rodas por cima das ripas de madeira. Essa aula evidenciou a importância da inclusão, da escuta atenta e da valorização da diversidade, como propõe a BNCC (Brasil, 2018).

Figura 2 – Imagens das atividades com o *Slackline*



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Surf

O *surf* é um esporte classificado como de aventura, envolvendo coragem, superação de limites físicos, motores e estimulando a sociabilidade (Silva, 2023). Assim, foi proposta a simulação da prática do *surf* por meio de pranchas de papelão, onde as crianças puderam desenhar e pintar usando a criatividade. Após, as crianças experimentaram os principais movimentos utilizados no *surf*, como a remada, o posicionamento na prancha e o equilíbrio em cima dela. O *surf*, quando inserido no contexto escolar, promove o desenvolvimento integral da criança, estimulando capacidades motoras, cognitivas, sociais e ambientais, além de contribuir



para a consciência ecológica e o respeito ao oceano (Farias; Souza; Nascimento, 2012; Leite et al., 2025; Ferreira; Ribeiro, 2018).

A prática de *surf* foi um momento muito divertido, contendo variações sugeridas pelas próprias crianças, como imitar a pose de um animal em cima da prancha. Na segunda atividade, simulamos uma onda no mar com um tecido azul e uma prancha de papelão maior, onde cada criança teve sua vez de ir ‘pegar uma onda’. Com a prancha no chão, as crianças usavam a imaginação quando o tecido azul passava por cima de suas cabeças. Por fim, com uma tábua e um toco de madeira, as crianças puderam experimentar um pouco do equilíbrio do *surf*, simulando uma prancha na água.

Foi uma das aulas que mais despertou a imaginação e o riso entre as crianças. Com um tecido azul, as crianças simularam o movimento da subida na prancha com o corpo, e a passagem da onda sobre elas, experimentando diferentes formas de se movimentar, equilibrar-se e imitar os sons do mar (Figura 3). Algumas crianças criaram movimentos próprios, outras inventaram manobras e músicas. Essa aula favoreceu a expressão corporal, o ritmo, o equilíbrio dinâmico e a espontaneidade. Como defendem Freire e Scaglia (2003), a Educação Física deve garantir às crianças a liberdade de experimentar e criar a partir do próprio corpo em movimento.

Figura 3 – Imagens das práticas de *Surf*.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Mountain Bike

Desde a década de 1940, a prática do ciclismo em ambientes naturais como trilhas e estradas de terra e montanhas é registrada (Lima, 2015). Segundo Satoshi (2000), tal ato se popularizou entre os jovens, assim denominando-se *Mountain Bike*. A modalidade foi escolhida para ser aplicada nas intervenções do estágio, dado a observação de que o NEIM possui diversas bicicletas infantis e o fácil acesso ao bosque localizado em frente a unidade educativa. Tal



temática foi introduzida com o auxílio das crianças para demarcar o percurso que seria utilizado na atividade.

Foram confeccionadas bandeiras com papel e canudos. Em seguida, uma parte das crianças passou com as bicicletas no caminho indicado e a outra sinalizou com as bandeiras. Foi possível perceber um certo nível de dificuldade de andar com a bicicleta no caminho com areia. Após, foi montado um circuito no percurso, onde as crianças deveriam andar com a bicicleta até um bambolê contendo bolinhas de tênis (Figura 4). Assim, deveriam pegar uma bolinha e passar por um *zig-zag* até o fim o circuito. Segundo Louv (2016, p. 34), “[...] o contato com ambientes naturais estimula funções cognitivas, criatividade e capacidade de resolver problemas em crianças”.

Figura 4 – Imagens das atividades de *Mountain Bike*



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Barco à vela

Trabalhamos o tema em duas aulas. Na primeira aula, as crianças puderam compreender o papel do vento e da água como agentes do movimento. Construíram pequenos barquinhos de madeira com velas feitas de folhas naturais. Depois, navegaram com eles em bacias de água, soprando para simular o vento que movia o barco a vela. Na segunda aula, organizamos uma saída com uma visita a um barco à vela. A embarcação usada na atividade foi trazida por um velejador e treinador, que é praticante de modalidades de barco a vela há quase 15 anos e já conquistou títulos estaduais e nacionais, além de ter representado a seleção brasileira em seis competições. (Schmitt, 2025).

A aula promoveu uma experiência sensorial completa, possibilitando contato com a água, areia, a brisa e os elementos da natureza e trazendo a experiência de ver de perto as partes do barco, observar a vela se movendo com o vento e fazer perguntas ao velejador, o que permitiu





ampliar a relação entre o conteúdo visto na unidade educacional e o real (Figura 5). Tal experiência vai ao encontro do que Neira e Nunes (2009) destacam para experiências simbólicas e sensoriais, a quais são fundamentais na Educação Física Infantil, pois favorecem o desenvolvimento expressivo e a imaginação.

Figura 5 – Imagens das atividades com o barco à vela.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado I na Educação Infantil possibilitou vivências significativas tanto para as crianças quanto para nós, estagiárias. A escolha da temática práticas corporais de aventura na natureza se mostrou acertada por dialogar com os interesses das crianças, a riqueza ambiental do entorno escolar e os documentos orientadores da Educação Física escolar.

As aulas permitiram observar o quanto as crianças são curiosas, sensíveis e abertas a experiências que envolvem o corpo em movimento, especialmente quando mediadas por histórias, elementos da natureza e imaginação. Atividades como o *slackline*, a corrida de aventura e o barco à vela proporcionaram o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio, da socialização e da criatividade.

Também foi possível identificar avanços na autonomia, na cooperação e no respeito às diferenças individuais, especialmente com as propostas inclusivas pensadas para as crianças com deficiência. Vivenciar esse processo também nos fez compreender o papel do estágio como ponte entre o que estudamos na universidade e o que vivenciamos dentro da unidade de estágio.





Como afirmam Souza e Araújo (2019, p. 150), o estágio permite ressignificar a prática docente, “[...] criando conexões entre a teoria e o cotidiano escolar, despertando um olhar mais atento, sensível e crítico”.

Do ponto de vista da formação docente, o estágio nos fez refletir sobre o papel do professor como mediador de experiências afetivas, motoras e sociais. Aprendemos a planejar de forma sensível, a escutar ativamente e a adaptar as atividades de acordo com a realidade do grupo. Acreditamos que a Educação Física na Educação Infantil deve valorizar a ludicidade, o vínculo com a natureza e o respeito às infâncias em sua pluralidade. Levamos dessa experiência aprendizados fundamentais para nossa trajetória profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

BETRÁN, Javier O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa (organizadores). *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202. Disponível em: [https://www.academia.edu/107652369/Turismo Lazer e Natureza de Alcyane Marinho e Helo%C3%ADsa Turini Bruhns Editora Manole](https://www.academia.edu/107652369/Turismo_Lazer_e_Natureza_de_Alcyane_Marinho_e_Helo%C3%ADsa_Turini_Bruhns_Editora_Manole) . Acesso em: 24 maio. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2024.

CARVALHO, Cristina; PINHEIRO, João Q.; SANTOS, Maria T. A influência dos espaços verdes no desenvolvimento cognitivo infantil: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Educação Ambiental* , v. 2, pág. 215-230, 2020. Disponível

em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/issue/view/771> . Acesso em: 17 ago. 2025.

DARIDO, SC; RANGEL, ICA Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Disponível

em: <https://pt.scribd.com/document/182185814/Educacao-Fisica-na-Escola-Darido> . Acesso em: 5 set. 2025.

FERREIRA, Jéssica Carina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 157-164, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p157>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23628>. Acesso em: 19 nov. 2024.

FRANCISCO, Filipe Botelho; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Práticas corporais de aventura nas dimensões do conteúdo: experiência na educação infantil. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 37, p. 508-524, 2020. DOI:





<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.4755>. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4755>. Acesso em: 8 nov. 2024.

IACZNSKI, Luiz Antônio; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Esportes de aventura e educação física: aproximações com a educação infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, e8429, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7867/1809-0354202116e8429>. Disponível em:

<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8429>. Acesso em: 13 nov. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/373565291/Proposta-Curricular-PMF> . Acesso em: 10 ago.2025

FREIRE, JB; SCAGLIA, AJ Educação Física e o jogo: implicações didático-metodológicas da cultura lúdica. Campinas: Autores Associados, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/447434591/FUNDAMENTOS-DO-JOGO-Joao-Batista-Freire> . Acesso em: 12 maio. 2025

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 48, pág. 168-187, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p168> . Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168> . Acesso em: 24 out. 2025.

LEITE, Camila et al. O surf como prática pedagógica na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. e2024-0011, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e2024-0011> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/> . Acesso em: 24 jul. 2025.

LIMA, Vinícius Gonçalves. Mountain bike como conteúdo das aulas de Educação Física em escolas rurais. 2015. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/8376> . Acesso em: 9 set. 2025.

LOUV, Ricardo. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/665213287/Au-ltima-crianc-a-na-natureza-Richard-Louv> . Acesso em: 11 jun. 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 6 nov.2024.

PAIXÃO, Jairo Antônio. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170>. Disponível em:





<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SANTANA, Joana da Rocha Marques; SOUZA, Guilherme Luiz de; MARTINS, Alessandra Catarina; ARALDI, Franciane Maria. Inserção das Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Infantil: Experiências do estágio supervisionado. **Humanidade & Inovação**, Palmas, v. 12, n. 3, p. 413-422, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36725/hi.v12i3>. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/10369>. Acesso em: 22 set. 2025.

NEIRA, M. G. R.; NUNES, M. L. T. A Educação Física na Educação Infantil. In: NASCIMENTO, J. V. **Educação Física e os documentos curriculares oficiais**: desafios e possibilidades. Porto Alegre: Mediação, 2009.

PEREIRA, Dimitri Wuo; MASCHIÃO, João Marcelo. Primeiros passos no slackline. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 169, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd169/primeiros-passos-no-slackline.htm>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SCHMITT, Rodrigo Bruning. Crianças conhecem barco à vela no estágio de Educação Física da UDESC CEFID. Florianópolis: UDESC, 2025. Disponível em: https://www.udesc.br/cefid/noticia/criancas_conhecem_barco_a_vela_em_estagio_de_educacao_fisica_da_udesc_cefid. Acesso em: 21 de maio de 2025.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense**. Florianópolis: SED/SC, 2020.

SATOSHI, F. **A história do Mountain Bike**: como tudo começou. Portal *Webventure*, 2000. Disponível em: <https://www.webventure.com.br/mountain-bike-historia/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SCHMITT, Ricardo. Conheça José Irineu, o velejador catarinense que leva a vela para a educação. **Revista Náutica**, 18 abr. 2025. Disponível em: <https://revistanautica.com.br/jose-irineu-velejador-educacao/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SILVA, Ruana Vidda Sobral Cavalcante. O surfe como prática corporal nas aulas de educação física escolar. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Esporte, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/13500>. Acesso em: 24 out. 2025.

SCHMITT, Rodrigo Bruning. Crianças conhecem barco à vela no estágio de Educação Física da UDESC CEFID. Florianópolis: UDESC, 2025. Disponível em: https://www.udesc.br/cefid/noticia/criancas_conhecem_barco_a_vela_em_estagio_de_educacao_fisica_da_udesc_cefid. Acesso em: 21 de maio de 2025.

SOUZA, AC; ARAÚJO, MR Relato de experiência como prática formativa na docência. Revista Educação e Linguagens, v. 16, pág. 150-163, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeducings/issue/archive>. Acesso em: 24 out. 2025.

